

Blumenau em Ladornos



Testo Salto
S. Catarina 1954

TOMO XI - ★ JUNHO DE 1970 ★ - Nº. 6

CANTO DOS COOPERADORES

**ESTA PUBLICAÇÃO PODE SOBREVIVER GRAÇAS
À GENEROSA CONTRIBUIÇÃO DOS
SEGUINTE COOPERADORES:**

Cremer S/A. — Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Indústrias Têxteis Comp. Hering S/A.

Artex S/A

Dr. Henrique Hacker — Blumenau.

José Sanches Júnior — S. Paulo.

Prefeitura Municipal de Blumenau.

Companhia de Cigarros Souza Cruz.

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet — Blumenau.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Eletro Aço Altona S/A.

Bluménau

em Ladernos

TOMO XI — ★ JUNHO DE 1970 ★ — N.º 6

O ITAJAÍ

J. H. Girão

Eu me debruço às margens dêsse rio
Que tem algo de sonho e de beleza;
Se de um lado é o esplendor da natureza,
Do outro é a vida que nos corre a fio.

Às vêzes é tumulto; é o casario
Nas águas refletindo luz, riqueza,
É a voz que canta um canto de tristeza
De quem sentiu de alguém o amor tardio.

É a saudade nas águas murmurando,
É a grandeza sem par que vai levando
Tudo que faz vibrar a alma da gente.

Assim é o ITAJAÍ de águas tão mansas
Que parece cantar as esperanças
De um povo forte e coração ardente!

Blumenau, 22 de Maio de 1970

Franz Pfützenreuter e sua viagem para a nova pátria: O Brasil

(Copiado do original por Anita Pfuetzenreiter e traduzido por Valdir Pfuetzenreiter)

A grande viagem, iniciei-a em 10 de outubro de 1897, embarcando no navio "Mainz". O tempo no mar do Norte estava um tanto violento, com fortes ventos.

A 12 de outubro ancorávamos no porto de Antuérpia. Finalmente havia terra à vista, fazendo com que perdêssemos a insegurança reinante. Antuérpia é um porto belga e a moeda ali corrente, o franco e o cêntimo - 100 cêntimos equivalem a 1 franco.

Depois de 3 dias de reabastecimento, nosso navio estava pronto e com a carga completa, fazendo com que continuássemos a viagem. O porto seguinte era português, onde ancoramos à noite. A moeda em Portugal era o réis, sendo 1 mil réis equivalentes a 1000 réis e, 100 réis são 40 francos alemães. Portugal é o país da uva, com o preço muito mais acessível do que a aguardente e a cerveja na nossa terra (Alemanha). Dia 20 de outubro seguimos até Lisboa. Não havia possibilidade de ancorar, e desta maneira alcançamos a terra com um barco, afim de conhecer melhor a tão afamada Lisboa. Havia na ocasião, um Rei do Oriente em visita, onde reinava uma alegria espetacular. Fantástico era o lugar onde se situava a ala do mercado, com superfrutas expostas. Maçãs, uvas, vendidas por 120 réis o quilo, equivalentes a 28 pfennig. Os bagos de uva tinham o tamanho de ameixas. Em vez de cerveja e aguardente, toma-se somente vinho. Aqui na cidade do Porto encontramos muitos espanhóis, cujas mulheres usavam grandes brincos de ouro. O termômetro marcava 24 graus de calor. Permanecemos apenas 10 horas, seguindo viagem pela noite com aquela conhecida frase: "Deus salve tua alma". No dia 27 tínhamos uma grande apresentação de peixes. Os delfins pulavam em círculos de 2 a 3 metros de altura, durante mais de uma hora acompanhando o nosso navio. Após o percurso de três horas, avistamos as ilhas Canárias. Também as ilhas Wiesner e Saint Paul foram avistadas por nós a 28 de outubro, durante a noite.

Dois dias tivemos que ficar encerrados em nossos quartos. Após o período de 1 hora, transpomos a zona do Equador. Depois de duas horas, passávamos pela ilha de São Fernando. Dia 4 de novembro chegávamos à Bahia. Ali reinava a primavera. Laranjas, bananas, abacaxis foram-nos trazidos até o navio. A revolução havia terminado fazia 5 semanas. Os presos eram amarrados a uma árvore para serem queimados em seguida pelos revolucionários. Que brutalidade! Notava-se que as mulheres também lutaram pelo mesmo fim.

Após a estadia de 2 dias, seguimos viagem até o Rio de Janeiro. Dia 10, quarta-feira, chegávamos a esta cidade, o porto mais bonito do mundo. Este porto deixou-me surpreso, água sem bancos de areia, mesmo havendo tantas pequenas ilhas, finalmente ornamentadas com um verde sensorial. Uma destas ilhas era cognominada de ilha das Flores, onde, com as despesas pagas pelo governo, fomos internados na casa dos imigrantes. Aqui

também havia muitos militares feridos daquela luta na Bahia. Aqui começou a ser servido o cardápio brasileiro. Pela manhã, café e pão bem como às 18 horas. Nas refeições ao meio dia e 16 horas, servia-se, principalmente carne, batatas ou vegetais, não faltando feijão e arroz. Em 15 de novembro de 1897 embarcávamos no navio brasileiro «Destêrro». Dia 16 chegamos em Santos. Reinava um forte calor, o qual tínhamos por motivo de febre amarela que surgia sempre nesta época. Dia 17 continuamos a viagem chegando em Paranaguá dia 18, continuando em seguida para Santo Antônio no interior. Dia 19 voltamos a Paranaguá. Até agora não encontramos nenhuma terra fértil. As praias e as ilhas estão completamente tomadas por matas primitivas, não exploradas e altas montanhas.

No décimo nono dia chegávamos em São Francisco. No dia 20, bem cedo continuamos até Destêrro. No Rio de Janeiro há um morro íngreme com mais ou menos 1.000 pés de altura. É de pedra pura e tem forma de um pão de açúcar e é também assim chamado. Aqui em Destêrro, tínhamos liberdade noturna. Refeições como no Rio de Janeiro não as havia mais, mas anos antes, sim. Esta casa é tão grande que cabiam 1.000 pessoas durante o tempo necessário até se oferecer a oportunidade de fixar residência, tendo as despesas pagas pelo govêrno. As camas eram boas. Aqui em Destêrro ofereceu-se a oportunidade de comer um bom queijo como no Rio e na Alemanha. Muito calor, muitas mûscas, mosquitos em grandes quantidades. A mudança de clima e temperatura, tanto aqui como no Equador, onde a água esquentava o nosso navio, fez-nos bem. O côco da Bahia, cuidadosamente plantado na Alemanha, cresce aqui como mato.

A demora em Destêrro foi de 9 dias. Dia 28, às dez horas da noite, embarcamos no navio «Max», propriedade do cônsul alemão, seguindo para Itajaí. Para chegar a Blumenau, era preciso não perder oportunidades de condução. Trem não havia e, assim, cheguei em Itajaí dia 29 de novembro de 1897.

Dia 30, pelo rio Itajaí, com o navio «Progresso», tomamos a Blumenau. Com esta viagem termina minha aventura marítima. Em ambas as margens dêste rio, vimos terra boa e bonita. A certa altura encontramos um vilarejo - Gaspar -. Na outra margem viam-se morros. Finalmente, as 4 horas da tarde, alcancei o meu objetivo desta aventura: Blumenau. Esta, habitada por maioria de alemães, tem mais ou menos 4.000 habitantes, tem uma igreja evangélica luterana e católica, um bonito convento dos franciscanos, bem como uma escola. Aqui no Hotel Holetz cheguei a conhecer um jovem homem, cuja irmã veio conosco desde Pôço Grande. Êstes dois dispensaram tôda atenção para comigo, propondo-me a ajudar-me em qualquer dificuldade. Após um ligeiro batepapo e uma breve visita a cidade e ao convento e ter-lhe dado o meu curriculum vitae e referências explicou-me o Sr. Schmitt que seria necessário falar com seu pai e que teria a resposta até 6 de dezembro. Até esta data permaneci com o Sr. Holetz e o Sr. Dirk. No dia 6, à noite, recebi a tão esperada resposta.

Fiz o que era necessário e parti, pelo navio, dia 9 para Pôço Grande (entre Barra do Rio e Gaspar). Pedro Schmitt era o nome de meu nôvo patrão, o qual, junto com sua família recepcionou-me festivamente. Após responder satisfatòriamente a tôdas as perguntas formuladas, fui apresentado a seus filhos, um de 7 e outro de 12 anos de idade, para lhes dar aulas

de alemão que seriam das 9 às 11 hs. da manhã. No tempo restante ajudava-os aonde se fazia necessário, o que fazia humildemente agradecido. A vida familiar dêsse fazendeiro achei-a bastante severa e cristã. Todos, esposos e filhos eram unidos, trabalhando de sol a sol como as abelhas, cada um tendo a sua incumbência definida, pois nesta época colhia-se a cana de açúcar para industrialização. A cana de açúcar atinge a altura de 6 m. e até 6 cm. de grossura, fornece $\frac{5}{8}$ de liquido e $\frac{3}{8}$ de açúcar. A batata pode ser colhida três vêzes ao ano, desde que haja vontade para isso. Semei feijão de vara, segunda—feira dia 24 de janeiro de 1898 e, sexta-feira dia 28, já haviam brotado e no dia 2 de fevereiro já tinham crescido bastante. Alguns dias mais tarde plantei feijão prêto que germinou após 5 dias. O Sr. Schmitt plantou uma árvore perto de sua casa no ano de seu casamento em 1868, está agora com a altura de 5 metros, com um diâmetro fabuloso. Meu feijão de vara floruiu exatamente 4 semanas após o plantio. As aulas na casa do Sr. Schmitt em Poço Grande, começaram dia 10 de dezembro de 1897. Os dois filhos do Sr. Albert Spengler iniciaram em 1º de fevereiro de 1898. A pequena Rosalina, assim como os dois filhos do Sr. Schmitt e a filha de Wilhem Schmitt iniciaram em 7 de fevereiro de 1899. Dia 22 de fevereiro, aceitei os filhos do Sr. Thomas Flôres. Todos pagavam uma taxa mensal. Outros alunos: Jacob, Miguel e Pedro Schmitt.

UMA HISTÓRIA SECRETA AGORA REVELADA

Por Gustavo KONDER

Muito antes da primeira Guerra Mundial (1914/18), o meu torrão natal -Itajaí - possuía uma colônia alemã bastante numerosa e a conversação em linguagem germânica era comum. Quase tôdas as firmas importantes, como Asseburg, Malburg, Konder, Fábrica de Papel e outras tinham como auxiliares e técnicos alemães natos inclusive teutos, que costumavam reunir-se em pontos preferidos tais como Hotel Brasil, Hotel Lippmann ou Sociedade dos Atiradores para bebericar ou bater papo, principalmente sobre as últimas novidades da velha Alemanha imperial. Havia duas escolas alemãs, a católica dirigida por freiras e a outra pela comunidade evangélica. Também havia um clube de ginástica, onde os moços se reuniam. O meu saudoso tio Alois Fleischmann era o cõsul alemão e, nos dias de aniversário do Kaiser, a colônia germânica comparecia para cumprimentá-lo e depois assistir a missa em ação de graças nas duas igrejas (católica e protestante). Foram dias de grandeza e de progresso para Itajaí, por causa da grande afluência da imigração alemã e italiana para as colônias do vale do Itajaí. Naturalmente muitos imigrantes, em vez de seguirem para as colônias, preferiram radicar-se no pôrto de Itajaí, exercendo assim diversas profissões, como ferreiro, padeiro sapateiro, alfaiate, etc.

Em frente ao solar da minha saudosa avó Adelaide Konder, à rua Lauro Mueller, estabeleceu-se uma barbearia, com uma grande e atraente placa oval, pendurada na frente e que pertencia a um jovem chamado sr. Karl Kienzelbauer, recentemente chegado da Alemanha (1913/14).

Quando estourou a primeira Guerra Mundial (1914/18), o nosso país, em 1917, cortou as relações com a Alemanha, juntado-se aos aliados

em luta contra a pátria do imortal Beethoven. Mal foi assinado pelo presidente Wenceslau Braz o decreto de declaração de guerra, muitos itajaienses, a maior parte luso-brasileiros, promoveram grandes manifestações, depredando residências e oficinas dos inofensivos imigrantes, inclusive teutos. Na Barra do Rio, os arruaceiros, chefiados pelo paulistano Henrique Midon, diretor do grupo escolar "Victor Meirelles", depredaram e quase incendiaram a residência do sr. Gottlieb Reif, o pioneiro e fundador da fábrica de papel.

Voltando à cidade, os nacionalistas assanhados percorreram, à noite, as ruas principais, gritando palavrões, chamando-os de boches, e de assassinos e até de nomes obscenos... Atravessando a rua Lauro Müller, os desvairados bateram a ponta-pés na porta, arrancando a placa da barbearia-residência do inofensivo Kienzelbauer. O pobre figaro, assustado, fugiu pelos fundos, alcançando a rua trazeira (hoje rua 15 de novembro), em direção ao bairro da fazenda. Naquela noite turbulenta estávamos reunidos na espaçosa sala de jantar - meus pais e eu. Papai na cadeira de balanço lendo o "Correio da Manhã" com o rosto acabrunhado, mamãe preocupada com suas costuras e eu, com a idade de 12 a 13 anos, decifrando minhas lições de aritmética. Eram mais ou menos 10 horas da noite quando na porta lateral soaram leves pancadas. Papai sobressaltado dirigiu-se à ela e sem abrir perguntou quem era. Veio a resposta em língua alemã identificando-se. Era o infeliz barbeiro Kienzelbauer que pálido e choroso, narrou a sua história. Imediatamente o meu pai convidou-o à entrar e pediu-me para levá-lo ao meu quarto, no sótão, onde tínhamos duas camas, a minha e a do meu saudoso mano Alexandre internado naquela época no Ginásio Catarinense em Florianópolis. Meu pai apareceu depois para entabular conversações, sentando-se na cama oposta, obrigando-o à deitar-se, fazendo a mesma coisa comigo. Eu nada compreendia. Em pouco tempo, muito fatigado, ferrei no sono. Ao amanhecer, reparei com grande surpresa que a cama d'ele estava vazia. Corri para baixo, gritando pela mamãe, que imediatamente segurou-me e levou-me para o seu dormitório. Ali então ela contou-me que, de madrugada, o papai havia levado o moço, pelos fundos da residência, até a bordo do vaporzinho «Blumenau», atracado no trapiche do Asseburg. Com a aqui escência do sempre lembrado comandante Gustavo Hacklaender, que também era admirador do meu pai, escondeu-o no porão e, às nove horas da manhã, zarpou calmamente para Blumenau. Depois disto a minha carinhosa mãe explicou-me a situação e pediu-me para jurar que guardaria segredo. Este juramento foi cumprido e somente agora violado pela presente narração.

Em tempo:- Naquela época, o meu pai era o prefeito e jamais perdoou a péssima conduta do diretor Henrique Midon, uma vez que o sr. Gottlieb Reif estava radicado há muitos anos no Brasil e era um cidadão utilíssimo a Itajaí. Depois daquele triste acontecimento o grande pioneiro alemão mudou-se com tôda a sua família definitivamente para Pombas, onde mais tarde faleceu.

Decorridos muitos anos e durante a triste época da segunda Guerra Mundial (em 1942), o meu pai, depois de almoçar no «Hotel Cabeçadas» onde residia, costumava voltar à cidade montado no seu garboso cavalo. Certo dia, ao passar defronte ao antigo hospital "Santa Beatriz" o animal assustou-se e corcoveando atirou-o ao chão. Com a violência da queda êle ficou

desacordado na estrada, sendo prontamente socorrido por populares. Devido à gravidade do seu estado (fratura de uma das clavículas e escoriações generalizadas), transportaram-no para Blumenau, a fim de tratá-lo com um especialista no hospital Santa Isabel, já todo engessado e cheio de curativos notou a sua barba crescida e reclamou a presença de um barbeiro, pois sempre fôra muito cuidadoso (para não dizer vaidoso). Qual não foi a sua surpresa ao reconhecer no barbeiro o seu antigo protegido Sr. Karl Kienzelbauer. E êste, vendo-o acamado com o braço esticado e semi paralisado cumprimentou-o com voz embargada: - "Mein Gott! das ist ja der Herr Marcos Konder!" Meu pai também logo reconheceu e retrucou em alemão: - «Ah! Das ist ja der Herr Kienzelbauer ! Wie geht's?»

Foi um encontro inesperado e feliz, pois todos os dias o fígaro vinha fazer-lhe a barba e conversar em alemão. Apesar da insistência do meu pai êle nunca aceitou pagamentos e para distraí-lo tocava em sua flauta e cantava canções românticas da velha Alemanha que muito agradaram ao meu pai. As vêzes cantavam juntos (em surdina) devido a censura policial. Ao contar-me o fato, o meu saudoso pai assim se externou :- «Foram os momentos mais felizes da minha vida.»

O sr. Karl Kienzelbauer que ja era um solteirão idoso, internou-se confortavelmente no asilo dos velhos em Trombudo, onde faleceu, despercebido e só, longe da sua pátria.

O, Schoener als die erste Stunde weit...
Ist jene, wo ein sanfter Tod
In einem Augenblick von aller Not
Von jahrelanger Qual das Herz befreit.

(Luiz de Camões).

A MORTE DE JOHANNA RINNERT

Alfredo E. Cardoso

Dentre os ataques dos índios aos pioneiros no vale do Itajaí, o menos esclarecido é aquêle do qual resultou a morte de Johanna Rinnert, podendo talvez ainda haver complementação e retificação além da presente.

Das entrevistas com pioneiros da circunscrição, foi interessante a palestra do sr. Guilherme Witt cujos pais moravam junto à barra do arroio Lavador, na orla do atual perímetro urbano de Rio do Sul, uns 200 metros distante da casa de Carl Rinnert, onde o ancião informante ainda reside.

Cientes de que à Johanna, espôsa de Carl Rinnert, nunca faltava afoiteza, os selvagens, que por vêzes se aproximaram da casa Rinnert, também temiam a espingarda, que a dona de casa sabia manejar com perfeita segurança. Assim o planejado assalto dos selvícolas ficou sendo adiado até o ano de 1897, quando, num dia ensolarado, Carl foi trabalhar na vertente esquerda do Rio do Sul, uns dois quilômetros rio acima e sua espôsa, sòzinha em casa, expondo cobertores ao sol, observaram que para êles apresentava-se

perspectiva favorável para abandonar o bivaque e realizar o assalto.

Johanna recebeu duas flechadas, tendo sido fatal a que penetrou na altura do diafragma. Com gritos de socorro correu em direção ao rio. Carlos Basílio, filho do fundador de Rio do Sul, que, voltando da caça, por acaso, ali passava de canoa, viu-se obrigado a atirar sobre os selvagens para evitar terrível massacre. A vítima foi levada para a casa de Guilherme Stark que residia na margem esquerda, uns quinhentos metros rio abaixo, e, retiradas as flechas, ela faleceu às 15 horas, isto é, 5 horas depois de ferida. Dia seguinte Johanna foi sepultada no primitivo cemitério, então existente no triângulo varzino formado pelos R.os do Sul e do Oeste, junto à confluência.

O tempo que a moradia dos Rinnert serviu de quartel aos atacantes foi efêmero, pois alguns dos tiros da espingarda de Basílio foram certos. Permaneceram os indígenas apenas para o saque daquilo que lhes interessava e o incêndio da habitação dos vencidos.

O sangue encontrado por caçadores, que no dia seguinte percorreram a picada dos índios, deu motivo à aceitação que houve casos fatais entre os nativos, que nunca perdoaram a Carlos Basílio o socorro que êle havia prestado aos Rinnert, pois perseguiram-no tenazmente nos vários lugares que residiu, e somente a sua cautela extrema e o receio dos selvagens de serem espingardeados por Basílio, foi que o salvou de destino igual ao de Johanna.

Um dos Primeiros

É sinceramente de lamentar que pouco, muito pouco mesmo, se saiba do destino e mesmo da biografia dos primeiros 17 imigrantes aportados em 2 de setembro de 1850, à barra do Ribeirão da Velha, para dar comêço ao estabelecimento fundado pelo Dr. Blumenau.

Entre êsses imigrantes, como se sabe, veio um jovem de 23 anos, de nome Franz Sallentien. E graças a um bisneto dêsse pioneiro, Klaus Sallentien, residente em São Paulo, que se deu ao trabalho de pesquisar o passado do seu ancestral, viemos a conhecer dados muito interessantes relacionados com os primeiros dias da Colônia Blumenau. Klaus, além de fornecer-nos importantes dados biográficos de seu antepassado, cedeu-nos cópias de quatro cartas de Franz Sallentien a seus familiares e algumas fotografias dêstes. Antes de traduzirmos as missivas escritas às margens do Itajaí, vamos dar alguns informes sobre o seu autor. Franz Sallentien nasceu a 12 de agosto de 1827, em Brunsvique (Alemanha). Seu pai era pastor protestante, com exercício na igreja de São Martin daquela cidade, sede do Granducado de Brunsvique. Estudou agronomia tendo, em seguida, feito o aprendizado prático em Niegrip. Pouco depois ocupou o cargo de Inspetor do Domínio de Heinrichsberg. Como muitos dos seus jovens contemporâneos, Franz viu-se decepcionado com a situação político-econômica que a Alemanha então atravessava, agitada por idéias liberais que as autoridades procuravam sufocar

por todos os meios ao seu alcance. Interessou-se, então, pelos planos de colonização do Dr. Blumenau, com os quais travou conhecimento pelo próprio autor e pelo livro de propaganda que o mesmo publicara, aconselhando os alemães dispostos a emigrar, a se dirigirem para Santa Catarina, para as margens do Itajaí, onde encontrariam terras férteis e sobretudo, um clima de absoluta liberdade de pensamento e de ação. Assim inscreveu-se logo entre os que compuseram a primeira leva destinada à colônia que o Dr. Blumenau criara. E, com outros quinze emigrantes e mais Reinoldo Gaertner, sobrinho do Dr. Blumenau, que chefiava o grupo, embarcou a 8 de julho de 1850, no veleiro «Emma Louise», com destino ao Brasil. Chegado à incipiente colônia, Sallentien dedicou-se à agricultura, ajudando o Dr. Blumenau e os demais colonos no preparo das terras, na construção de engenhos de serrar e de fabricação de açúcar. Dotado de grande espírito de iniciativa, de justa ambição de progredir, em pouco tempo Sallentien convenceu-se da sua inadaptação ao sistema que o fundador de Blumenau escolhera para o seu estabelecimento agrícola. A colônia seria dividida em sítios de vinte hectares, ou trinta no máximo, para cada família. Para a execução dos projetos que concebera, isso era muito pouco para Sallentien, numa província de enorme extensão territorial ainda inculta e onde ainda tudo estava por fazer. Assim, já em 1852, resolveu adquirir uma gleba de boas terras nas margens do Itajaí Mirim onde no lugar conhecido por Águas Claras, construiu um engenho de serrar madeiras. Assim, Franz Sallentien foi um dos pioneiros da colonização do atual município de Brusque. No ano seguinte, e um pouco adiante do primeiro, Sallentien construiu outro engenho de serrar, em terras posteriormente ocupadas pela olaria dos irmãos Kirchner. Ainda em 1853, associado a Reinoldo Gaertner, Sallentien construiu uma terceira serraria nas margens do Itajaí Mirim. E já que as suas atividades se desenvolviam próximo à Barra dêsse rio, local em que desembarcavam os imigrantes que vinham destinados a Blumenau, Sallentien e Gaertner cuidavam de recepção-los, de desembarcá-los, dos cargos alfandegários, de orientá-los, de proporcionar-lhes abrigo e alimentação até o seu transporte, pelo rio, para a Colônia Blumenau. Dali da barra do rio, datam as cartas que traduziremos mais adiante. Com o terceiro transporte de imigrantes vindos da Alemanha, constante de 110 novos colonos, desembarcados na Barra do Rio, veio Joanna Osterland que viria a ser a esposa de Franz Sallentien. Casaram-se a 13 de março de 1855, oficiando a cerimônia o pastor Hoelzel. Blumenau ainda não tinha o seu próprio pastor protestante, o que só em 1857 se verificou com a vinda do pastor Oswaldo Hesse. Nos primeiros tempos, o casal passou a residir na casa que pertencera a Fernando Hackradt, a que fôra acrescentado um cômodo e nêle instalada uma pequena venda que passou a ser explorada por Sallentien. Este cuidava, simultaneamente, da agricultura e pecuária. Em 1861, foi à Alemanha com a família, embarcando no veleiro «Raleigh» em cujo bordo nasceu-lhes o quinto filho, a menina Minna, que viria a falecer em 1920, em Brunsvique. Em 1866 Franz Sallentien mudou-se para Destêrro, capital da província, onde abriu uma casa de comércio atacadista de gêneros alimentícios e exerceu intensa atividade social. Ali fundou a Sociedade de Cantores «Euterpe», depois transformada na Sociedade de Cantores «Germânia». Em setembro de 1868, levou para serem educados na Alemanha os seus filhos mais velhos Luiza, Franz e Reinholdo. Desta viagem Sallentien desenhou um roteiro muito interessante, marcando a posição quase que diária do veleiro «Elisabeth» no seu trajeto até Hamburgo. Saiu de Destêrro a 12 de setembro e chegou

a Hamburgo a 8 de novembro. O menino Franz, que então contava 11 anos escreveu, mais tarde, algumas memórias sobre essa viagem. Nos começos de 1869, Franz Sallentien regressou ao Brasil para retornar, pouco depois, à sua terra natal, com toda a família e definitivamente. Faleceu a 23 de março de 1907, em Brunsvique, depois de uma existência dedicada inteiramente ao trabalho e à família. Seu filho Franz regressou ao Brasil, estabelecendo-se em São Paulo como comerciante, ali falecendo em 24 de Junho de 1940. A essa feliz circunstância, pois, deve-se o podermos conhecer os dados principais da vida de Sallentien nas margens do Itajaí e em Santa Catarina, da sua atividade em prol da colonização e do desenvolvimento deste maravilhoso recanto da terra brasileira. É pena que sobre os demais integrantes do grupo dos primeiros imigrantes de Blumenau não se conheça senão pouca coisa, exceção feita de Reinoldo Gaertner e Guilherme Friedenreich sobre os quais existem dados escassos constantes dos fastos blumenauenses. Franz Sallentien ainda ocupará a nossa atenção em outras oportunidades.

JULES HENRY E O VALE DO ITAJAÍ

JULES HENRY BLUMENSOHN ou simplesmente JULES HENRY é um nome ligado aos estudos do Vale do Itajaí e, talvez, da sua parcela humana menos estudada: o indígena.

Ele escreveu um estudo valioso sobre os indígenas do Pôsto "Duque de Caxias", sob o título "A Jungle People" (ed. J. J. Augustin, New York, 1941), trabalho êsse de grande valor para situar aquêlo grupo humano no momento em que seu contato com o elemento branco ainda era pequeno, quando sofrera, apenas, algumas influências. É de lastimar que tal estudo só seja conhecido de alguns poucos estudiosos e que as nossas elites culturais não lhe tenham dado maior divulgação, através de uma bem elaborada tradução.

Pois bem, JULES HENRY faleceu aos 65 anos de idade, a 23 de setembro de 1969, de ataque cardíaco, em St. Louis, USA.

Vale dizer, nesta ligeira nota, que, em 1936, êle recebeu o seu "Ph. D."-grau de Doutor em Filosofia na Universidade de Columbia, exatamente, pelo seu trabalho, acima referido, e que fôra iniciado em 1932 e do qual têz uma síntese ("Os indígenas Kaingang de Santa Catarina, Brasil", publicada a tradução na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina vol. XIII, 2º. semestre de 1944, pp. 128 - 133).

Mas, daquela data até a sua morte não dormiu sobre louros. Nas pesquisas - realizou-as na Argentina, no Brasil e no México e na cátedra universitária trabalhou diuturnamente. A morte colheu-o quando prestava serviços, à Washington University - onde trabalhava desde 1947 - após um ano de doença.

Esta a homenagem de "Blumenau em Cadernos" a um estudioso das nossas coisas e da nossa gente.

REMINISCÊNCIAS

H. P. Zimmermann

“Yo no creo en brujas, pero que las hay, hay . . . Assim dizem os espanhois. Muita gente, também, não acredita em fantasmas, mas na Inglaterra, por exemplo, os velhos castelos que se prezam possuem os seus fantasmas, que não morrem na crença pública e que resistem a tôdas as investigações científicas, porque o povo não quer que morram. E mais, numerosas histórias de fantasmas são editadas e reeditadas e todos que as leem, sentem calafrios mais ou menos intensos quando chegam aos pontos culminantes, isto é, quando os personagens vivos defrontam-se com os fantasmas imaterializados, que se mostram mais ou menos abstratos, mas que, jamais, alguém conseguiu agarrar.

Porque em Gaspar, nos tempos de minha juventude, não podia também haver fantasmas? Houve-os, em número talvez maior do que se pode imaginar. Não sei, se ainda hoje êles lá existem, porque também minha terra natal sofre as injunções do progresso técnico, êste grande inimigo de tudo que não possui forma material . . . Mas, talvez lá ainda existam fantasmas, porque êles, de uma maneira ou de outra, sempre povoam as mentes das gentes, desde a do simples homem da roça até a do grande intelectual.

Já falei, em edição anterior de “Blumenau em Cadernos” da casa do americano, na margem esquerda do rio Itajaí, à meia distância entre Gaspar e Poço

Grande. Muita gente afirmava, que em certas noites de luar, nos vazios ôcos das janelas daquela casa tétrica aparecia alguém que olhava fixo para algo que ninguém mais via e desaparecia, logo que alguém se aproximasse da casa. Era tanta a insistência com que falavam no assunto, que ninguém mais tinha dúvida, que lá residia um fantasma para afastar da casa quem quer que dela quizesse aproximar-se.

Já no Poço Grande, no ponto onde a estrada entrava no pasto do proprietário Pedro Schmitt, naquela época havia uma porteira para impedir a saída do gado. Para prosseguir pela estrada, os cavaleiros e es condutores de carros ou carroças, precisavam abrir esta porteira de batente. Afirmavam muitos, que quando ali tinham que passar á noite, ouviam junto à porteira o chôro doído de uma criança. O interessante nesta história era, que o chôro se fazia quase sempre ouvir, quando lá passava uma pessoa só. Por isto, todos evitavam de passar por ali sòzinhos; preferiam fazê-lo em grupos. Mas também êstes grupos não estavam a salvo de ouvir o chôro doloroso de criança, pois que, quando menos o esperavam êle tazia-se ouvir. Mil conjecturas e suposições se fazia a respeito da origem dêste “fantasma”, sim digo fantasma, porque alguns afirmavam ter visto uma criança despida ao lado da porteira, mas quando dela se aproximavam, ela desaparecia. Algumas almas piedosas, pediram ao Padre Vigário de

Gaspar, que benzesse o lugar, o que êste fêz com certa relutância. Mas o chôro não desapareceu. Aventou-se então, que a criança que chorava, era fruto de algum amor pecaminoso e que fôra morta quando nasceu. Tudo isto durou anos, mas um dia o caso ficou esclarecido. Ao fazer uma picada para mudança da cêrca do pasto, os homens que alí trabalhavam, em pleno dia ouviram a criança chorar e bem perto dêles. Ficaram apavorados e correram. Havia um pouco de vento e o chôro ora aumentava ora diminuia de intensidade. Um dos homens, mais corajoso do que os outros, decidiu chegar ao local onde a criança estava chorando. Aproximou-se cautelosamente, avançou pela picada que partia da porteira e, de repente ouviu o chôro por cima da sua cabeça. Confuso e espantado olhou para cima e então viu, que o que produzia o chôro, era uma forquilha de galhos de uma árvore. Quando o vento os tocava friccionavam-se e produziam um ruído semelhante ao chôro, ora mais forte ora mais fraco, dependendo isto da intensidade do vento. A árvore foi derrubada, mas assim mesmo muitos ainda ouviam o chôro da criança e sempre de nôvo afirmavam, que a tinham ouvido quando por ali passaram. Ê que, a maioria dos que acreditavam em fantasmas, não acreditaram que o ruído fôra produzido pela fricção da madeira.

Por muito tempo falavam de um cavalo encilhado, que em noites escuras costumava sair debaixo de um bueiro alto na estrada que conduzia ao Gasparinho, debaixo do qual passava uma valeta que dava vasão às águas, que em dias de chuva juntavam-se no

pasto pertencente ao Sr. Adolfo Altenburg. Muitos afirmavam ter visto o cavalo, que era muito bonito e que, saindo do boeiro, costumava ir à frente das pessoas que usavam a estrada, depois subia o morro do cemitério e ali desaparecia. Afirmava-se também que êste cavalo pertencera a um forasteiro, espécie de jogador profissional, que certo dia aparecera para participar de uma festa no bairro do Gasparinho. Dias depois fôra encontrado morto à beira da estrada. Ninguém o conhecia, ninguém sabia de onde viera e apenas sabiam, que se chamava Manoel e que usava um linguajar açastelhanado. Documento nenhum foi encontrado com êle, mas o cavalo por muito tempo não o deixou desaparecer da memória dos gasparenses. Sempre de nôvo vinha alguém, que afirmava ter visto a bela montaria.

Poderia contar ainda outras histórias de fantasmas, que povoaram Gaspar por mais ou menos longo tempo, como p. ex. o do morcêgo, que à meia noite costumava chupar o sangue de certa mulher autora de uma história de difamação, ou a do cão com os olhos de fogo, que rodeava as casas de noite e uivava terrivelmente ou ainda a da casa rural, onde à meia noite, as tábuas do assoalho começavam a bater, como se estivessem sôltas, ouvia-se passos de pessoa que andava pelo corredor e soltava grandes gargalhadas, e outras mais. Para não alongar - me muito, vou rematar êste relato com uma história de «fantasma» ocorrida na margem do rio, defronte a Gaspar, onde residiam alguns pescadores e trabalhadores. Ali, certa noite uma mulher em avançado estado de gravidez ouviu chamarem-na e saiu

ao terreiro de sua casa. Não demorou, as pessoas da casa ouviram um grito estridente e quando acorreram, viram a mulher caída no terreiro, desmaiada. Não demorou para descobrirem a causa do desmaio. Num canto do terreiro, estava uma caveira humana com os olhos e bôca de fogo, coisa simplesmente horrível. Alguns mais corajosos aproximaram-se dela e perceberam, que ela era feita de uma cuia, na qual haviam furado olhos, cortado uma bôca e colocado no seu interior uma vela acesa. Vista a certa distância, parecia-se muito com uma caveira humana. A mulher sofreu um grande abalo e depois de abortar a criança que devia nas-

cer, esteve doente bastante tempo. Mas, o que se faz nêste mundo que mais cedo ou mais tarde não venha a ser conhecido? Demorou algum tempo até que descobriram o autor desta macabra façanha, um vizinho da casa que vivia querelando com os moradores desta. Naquêles tempos, ainda frequentemente faziam justiça com as próprias mãos. Assim aconteceu também nêste caso. O autor da façanha foi tão cruelmente castigado, que por pouco não se tornou também êle, um fantasma.

Por aí se vê, que Gaspar não fugiu à regra: para se tornar notável, para aparecer como aparecem os castelos da Inglaterra, onde também aparecem fantasmas.

É possível que a primeira greve havida no Vale do Itajaí tenha sido a que os estivadores do pôrto de Itajaí fizeram em comêço de outubro de 1906. No dia 9 daquêle mês, os trabalhadores do pôrto escolheram o sr. João Guedes da Fonceca para seu intermediario com os negociantes do lugar. Êstes últimos propuzeram que o trabalho fôsse de 9 horas no inverno e 10 no verão, pagando-se, além disso, nos domingos e feriados mais 50% e de noite o dôbro da diária, que seria de 3\$000. Os trabalhadores, entretanto, não concordaram com a proposta e entraram em greve até o dia seguinte às 10 horas, quando foi encontrada solução. O trabalho no pôrto seria de 9 e meia horas diárias, tanto no inverno quanto no verão e os trabalhadores ganhariam dobrado tanto à noite como nos comingos e dias santificados e feriados.

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— *Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr\$ 6,00* —

Redação e Administração: Alamêda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — Blumenau — Santa Catarina - Brasil

Primeiros Proprietários de Lotes da Freguesia de São Pedro Apóstolo de Gaspar.

Aos seguintes colonos foram entregues, em 1868, os títulos definitivos dos lotes urbanos da Freguesia de Gaspar, que lhes haviam sido vendidos pela direção da Colônia Blumenau, em 1864.

Como se sabe, a sede do Município de Gaspar, cidade do mesmo nome, foi mandada demarcar pelo Dr. Blumenau, em terrenos de sua propriedade.

Eis os nomes dos primeiros moradores: (os números referem-se aos dos lotes concedidos).

1 - Felipe Schneider, 2 - Pedro Theis, 3 - Júlio Paupitz, 3 - A Igreja católica e cemitério, 4 - João Antônio Van Zoite (Vanzuita?) 5 - Pedro Zeiss, 6 - Ivo Dalen, 7 - João Maria de Souza, 8 e 9 - José Henriques Flôres, 10 - Francisco José de Freitas, 11 - Francisco Deschamps, 12 - Pedro Bornhausen, 13 - Henrique Schneider, 14 - Joaquim Antônio Domingo, 15 - Francisco Antônio Van Zoite, 16 - Felício Dias de Arzão, 17 - Benigno Vieira da Trindade, 18 - Nicolau Werner, 19 - Antônio Haendschen, 20 - Jacob Zimmermann, 21 - Carlos Hoeschl, 23 - Escola (por permuta, passou para Maria Cândida Hoeschl) 24 - Martinho Jaeger, 25 - João Pottlaender, 26 - Antônio João da Costa, 27 - André Caetano Costa, 28 - Diogo Roque da Silva, 29 - M. Pascoal Martins, 31 - Terreno destinado à cadeia; 32 - Carlos Hoeschl, 33 - Antônio João da Costa, 34 - Antônio Isensee, 35 - Carlos Hoeschl, 36 - Casa e chácara do vigário, 37 - Francisco Wehrsoerfer, 38 - Herbert Kraemer, 39 - O mesmo, 40 - Carlos Hoeschl, 41 - Francisco Schram, 42 - Terreno reservado para a Comunidade Evangélica, vivenda do pastor e cemitério (Anexo rural ao distrito de São Pedro) 43 - Hermann Schramm. RIBEIRÃO DO GASPARGRANDE E PEQUENO - (Lotes de 20 hectares, mais ou menos): 1 - Vicente Ferreira de Castro, 2 - Onofre Pereira de Castro, 3) Francisco Schramm, 4 - Zeferino Antônio de Castro, 5 - João Reitz, 5 A - O mesmo, 6 - João Zimmermann, 7 - José Maria de Souza, 8 - Antônio de Souza Soares, 9 - Fermino Antônio Van Zoite, 10 - Diogo Roque da Silva, 10 A - Caetano Inácio de Jesus, 11 - Miguel Pitz, 12 - João Zimmermann, 13 - O mesmo, 14 - Júlio Gaertner, 15 - Antônio Deschamps, 16 - Augusto Isensee, 16 A - Carlos Hoeschl, 17 - Júlio Gaertner e Antônio Deschamps, 18 - Felipe Schneider, 19 e 20 - Jacob e José Zimmermann, 21 - José Zimmermann, 22 - Jacob Zimmermann, 23 - Bernardo Haendschen, 24 - Pedro Deschamps, 25 - Pedro Wagner e Carlos Hoeschl, 26 - Jacob Rinkus, 27 - Jacob Zimmermann, 28 - Pedro José Schneider, 29 - José Moreira da Silva, 30 - Nicolau Pinz, 31 - Jacob Zimmermann.

Pedro Palm, filho de um dos primeiros alemães que, em 1828 vieram para São Pedro de Alcântara e que, com Pedro Müller, pai de Lauro Müller, e outros, foi se estabelecer na então vila do Itajaí, próximo à barra do rio, foi o primeiro a construir casa de tijolos naquela, hoje cidade de Itajaí.

BLUMENAU

E A SUA IMPRENSA.

XLII

«DIE QUASSELBUDE»

Mais um jornal crítico aparecido em Blumenau foi o «Der Quasselbude», cuja primeira edição verificou-se a 23 de janeiro de 1932. Formato: 22,5 x 32,5 cm. Foi editado pela Gesangverein «Concórdia» (Sociedade de Cantores «Concórdia») sediada no bairro do Bom Retiro, desta cidade.

Abaixo do título, trazia o moto: «Wem es juckt, der kratze sich. Wir sind nicht verantwortlich» (Quem sentir coceiras, que se coce. Nós não somos os responsáveis»). Quatro páginas completamente redigidas em alemão, em caracteres latinos.

O segundo número apareceu a 25 de fevereiro do ano seguinte, por ocasião do carnaval. O terceiro em janeiro de 1934. Ao que nos consta, êsse também foi o último número publicado.

Como os demais jornais carnavalescos, a que temos feito menção neste trabalho, «Die Quasselbude» limitava-se à crítica bem humorada, não só dos associados da Sociedade que o editava, como das autoridades e pessoas de destaque na vida social da coletividade, sem descambar para o terreno das agressões pessoais.

Conhecemos, apenas, as três edições referidas de cada uma das quais possuímos um exemplar no arquivo da Sociedade dos Amigos de Blumenau.

XLIII

«DIE GURKE»

No carnaval de 1932, também o distrito de Indaial, 3º. do Município de Blumenau, teve o seu jornalzinho crítico, com o título «Die Gurke» («O Pepino»), cuja primeira página é encimada por um clichê com as cabeças de duas comadres em cochichos, com respeitáveis narizes em forma da apreciada curcubitácea, cercadas de fôlhas e frutos dessa mesma planta. Como sub-título, traz a indicação: «O primeiro e o mais antigo jornal de Indaial. «O Pepino» aparece anualmente e custa 1\$000; Editora: Sociedade de Ginástica feminina «Frich Auf» Redator principal: Prinz Carneval»

Tôda a matéria literária da folha, que tinha o formato de 22,5 x 32,5 cm, era redigida em alemão, em caracteres latinos, em 4 páginas, aberta em duas colunas.

No editorial explica o porque do nome «O Pepino»: Porque certos narizes de apreciável volume e de não menor capacidade de «cheirar» as coisas, também são conhecidos pela mesma designação do indigesto, mas savorosíssimo fruto, tão usado para saladas e conservas. E «O Pepino» prometia "meter o nariz" mesmo onde não fôsse chamado.

O primeiro número tem 8 páginas. A maior parte da matéria é composta em versos, às vêzes bem feitos e cheios de humor. Anúncios muito cômicos, avisos repletos de verve, críticas alegres distribuíram-se pelas várias colunas, tornando o jornalzinho verdadeiramente interessante e, naturalmente, também irritante para os atingidos por alguma das suas muitas pilhérias. Por exemplo: endereçado a um conhecido comerciante, amante fervoroso das boas e constantes cervejadas e cujo nome, apesar da ligeira transposição, é facilmente identificável, havia êste aviso: «Com a rega continuada com a Cerveja Catarinense, você poderá obter magníficos exemplares de pepinos que, em qualquer exposição agrícola, obterão as melhores classificações, como você poderá se certificar com os seus próprios olhos, com o agente Clax Masen". (O Clax Masen tinha um respeitável apêndice nasal, realmente vermelho, que traía o uso imoderado da loura bebida).

Fêz época em Indaial êsse jornalzinho que mexia com todo mundo, porém sem os excessos a que diversos outros se entregaram, provocando inimizades, desuniões e revoltas nas comunidades em que apareciam. Essa literatura dos jornais carnavalescos era prato muito do sabor da população jovem, teuto-brasileira, do grande Blumenau daquela época.

Não sabemos ao certo quantos números apareceram dessa folha. Em nosso arquivo possuímos o número 1, de 1932 e o 4, de 1935 que acreditamos tenha sido o último.

XLIV

«CORREIO DE BLUMENAU»

Embora tivesse tido uma vida relativamente curta, «Correio de Blumenau» foi dos mais brilhantes órgãos da imprensa blumenauense e até mesmo da catarinense.

Seu primeiro número apareceu no sábado, 21 de maio de 1932. Foram seus diretores e redatores responsáveis o Dr. Geisa Boscoli, então promotor público da Comarca e José da Ferreira da Silva, jornalista a que se devia já a fundação de outros jornais blumenauense.

De formato tabloide (32 X 47 cm), aparecia duas vêzes por semana, às quartas e sábados, com 4 ou 6 páginas de matéria e anúncios bem distribuídos, com muitas ilustrações e excelentes editoriais, «Correio de Blumenau» impôs-se logo como uma folha bem redigida, de espírito muito combativo, trazendo sempre farto noticiário local.

O artigo de apresentação, assinado pelos dois diretores, sob o título de "Cartão de Visita", traduziu bem a trajetória que o jornal seguiria na sua curta, mas desassombreada existência. Estava assim redigido: «Fazer justiça deve ser a maior preocupação de todos nós, na vida. E o programa de justiça que para nós mesmos traçamos, desde os primeiros anos de lutas, deve ser rigorosamente cumprido, como um verdadeiro dogma. Se nos apresentamos agora lançando e dirigindo "Correio de Blumenau", assumimos desde já, com o povo desta terra o compromisso de cumprir um programa de imparcialidade, independência e honestidade.

Marchando pela estrada da vida de cabeça erguida, sem devermos favores de quaisquer espécies, a quem quer que seja, sem temermos, ou melhor, tendo a certeza que nas páginas do nosso procedimento, nem por sombra, se encontram requíscios duvidosos, nós nos ufanamos de podermos dizer bem alto que êsse programa, por nós mesmos traçado, será cumprido à risca.

Olhos fitos em todos os passos que são dados, ouvidos alerta e o firme propósito de zelarmos pelos interesses de Blumenau, desta coletividade que é trabalho, que é honra, que é coragem, que é fôrça, que é vitória será todo o nosso programa".

De nota publicada, logo a seguir a êsse editorial, constava o nome dos colaboradores que haviam assentido na sua cooperação, entre êles os de Amadeu da Luz, Afonso Rabe, Edgar Barreto, Oliveira e Silva, Dom Pio Freitas, Hans Gaertner e outros expoentes da intelectualidade blumenauense.

Já no primeiro número, Geisa Boscoli apresentava algumas das suas magníficas caricaturas dos políticos em evidência no cenário do país. Getulio Vargas, Oswaldo Aranha, José Américo, Artur Bernardes, Washinton Luiz, Borges de Medeiros, Assis Brasil e outros muitos apareceram em magistrais traços do seu lápis.

Conforme prometera, o jornal atuou, de fato, desassombradamente. A situação política do país e do Estado, entretanto, não propiciava clima para tais atitudes. Já em junho, Geisa de Boscoli era removido desta para a Comarca de Mafra. Não se conformou com o injusto ato e solicitou demissão do cargo. Permaneceu alguns meses, ainda, em Blumenau, exercendo a advocacia. Aqui lhe nasceu o único filho, Fernando.

Em novembro, Geisa Boscoli deixa o Estado, regressando à capital federal, onde iniciaria a brilhante carreira de intelectual e homem de teatro que lhe grangearia a admiração nacional.

Assumi, em seu lugar, a redação do "Correio de Blumenau", ao lado de Ferreira da Silva, o dr. Abelardo Schneider da Fonseca, jornalista já amplamente conhecido no Estado.

Com o mesmo desassombro e o mesmo brilho, "Correio de Blumenau" continuou a sua trajetória por mais alguns meses e quando ia entrar, justamente, no seu segundo ano de publicidade, desapareceu com o número 96, da quarta-feira 17 de maio de 1933, em consequência da fusão com o jornal «A Cidade» que, em razão de tal fato, passou a intitular-se «Cidade de Blumenau.

«Correio de Blumenau» teve vida curta. Mas foi, incontestavelmente, um órgão que fêz época, que soube, corajosamente, atravessar um dos mais difíceis períodos da vida político-administrativa do nosso Município, sem se curvar às imposições e às injustiças.

Gráfica e literariamente, foi das folhas mais bem feitas e prestigiosas do Estado.

Distribuía, semanalmente, um “Suplemento Ilustrado”, impresso no Rio de Janeiro, muito noticioso e com farta clicheria dos principais acontecimentos e personalidades mundiais e do Brasil.

CARTAS DOS LEITORES

O nosso colaborador e assíduo leitor, sr. Celso Liberato escreveu-nos o seguinte: “Leio no Tomo XI N.º.1 dessa incausável coletora de coisas antigas que é “Blumenau em Cadernos”, mais um artigo da série “Blumenau e sua imprensa” sob título “DER URWALDSBOTE” (Edição Portuguesa).

E na corrente da leitura, deparei com êste trecho: “Também Itacoatiara de Senna, Alcides Brasil, Jonathas Rocha foram outros oficiais do aludido batalhão que prestaram sua colaboração literária ao jornal.”

Como revela o artigo, o batalhão acima referido era o 55.º de Caçadores, aquartelado em Blumenau em 1909.

Mas a parte descrita me deixa em dúvida quanto ao nome do oficial citado em segundo lugar.

Isto porque, mais ou menos naquela época, servia no mesmo 55.º Batalhão de Caçadores o distinto oficial ALCEBIADES BRASIL, que mais tarde veio a se casar com a jovem blumenauense Paula Altemburg, filha do pioneiro Luiz Altemburg Sênior, o qual, como você sabe, foi grande comerciante, primeiro em Gaspar e depois em Blumenau, onde estabeleceu o seu negócio no mesmo prédio em que hoje se encontra a “Casa Flesch”, à rua 15 de Novembro.

Assim, mestre Ferreira, nesta encruzilhada da dúvida histórica da Imprensa de Blumenau, cabe a você decidir de plano se ficamos com ALCIDES ou mudamos para ALCEBIADES”.

Mudamos para ALCEBIADES, meu caro Liberato, que é o certo.

Os artigos no “Urwaldsbote” (Edição Portuguesa) estão subscritos por ALCEBIADES BRASIL. E muito obrigado pelo reparo!.

A Redação.

De outro dos nossos prezados colaboradores, o brilhante jornalista e intelectual, Silveira Júnior, de Itajaí, recebemos também a seguinte interessante missiva a respeito do artigo, publicado nesta revista, sob o título: “ITAJAÍ QUER DIZER: PEDRA LAMINADA:

«No número 11, de novembro passado, dessa Revista, pedi para você publicar um artigo intitulado: "Itajaí quer dizer: pedra laminada...". Lembro a você e aos leitores que nesse artigo eu reproduzia a abalizada opinião do professor paraguaio Reinaldo Decoud Larrosa, talvez a maior autoridade em tupi-guarani do mundo. O professor Larrosa decompunha a palavra nos seus vários componentes étimos e concluía que Itajaí quer dizer "pedra laminada". Lembro ainda que, antes de me dar essa definição, o professor me perguntava se por aqui existe umas pedras pretas facilmente lamináveis a que os índios chamam, "itajaí" e que eu respondia afirmativamente. São as nossas conhecidas "pedras de amolar".

Sabendo que na Bahia existe pelo menos uma localidade chamada Itajaí escrevi ao Prefeito de lá e acabo de receber a seguinte carta, que transcrevo em resumo:

"Itajaí é um distrito do município de Nova Canaã, do qual sou prefeito. Nunca fizemos um estudo sobre a significação dessa palavra, sabendo-se apenas que «ita» significa pedra. Em resposta à sua pergunta, devo informar que nesta região existe muitas pedras pretas das que o senhor cita no seu artigo. Acredito que a decomposição da palavra feita pelo professor Decoud Larrosa está certa e que a significação do nosso topônimo Itajaí seja o mesmo do seu homônimo catarinense. Muito agradeço a sua colaboração, que veio nos esclarecer sobre a origem do nome de um distrito deste município. (ass) Waldemar Andrade do Nascimento, Prefeito de Nova Canaã, Bahia."

A carta acima, meu caro José Ferreira, tem, para mim elemento bastante esclarecedor: diz o prefeito de Nova Canaã que lá no seu distrito de Itajaí "há muitas pedras pretas, das que eu cito no meu artigo". Vale dizer, daquelas pedras lamináveis que os índios chamam de "itajaí".

Não poderia deixar de registrar êste depoimento nos seus "Cadernos" que são a única coisa séria que se edita em Santa Catarina sobre História. E como é uma coisa muito útil e muito séria, sei das suas lutas para manter essa publicação pelos anos afora. Quando você morrer, talvez Blumenau se lembre de pôr o seu nome numa ruazinha bem mixuruca. E Itajaí, que tanto lhe deve, talvez nem isso faça. Mas se eu morrer depois de você - e estou lutando para isso, até já estou fazendo sauna e massagem - pode ficar certo de que eu mudarei o nome do Beco do Chumbeiro...

Um abração do amigo certo

Silveira Júnior»

Na noite de 12 para 13 de outubro de 1906, depois de várias semanas de rigorosa sêca, caiu um forte temporal com chuvas e ventos. O vapor "Blumenau", que se achava atracado no pôrto de Itajaí foi atingido por uma fâisca elétrica que rachou, de alto a baixo, um dos seus mastros.

COMO VENTE ADEUS

O fato pode ser mera coincidência. Mas, do mesmo modo pode ser que tenham razão os filósofos que afirmam que as plantas também têm sentimentos, como os homens e os outros animais.

Não seremos nós que iremos discutir êsse sério problema para negar ou afirmar as razões em que se baseiam os estudiosos dêsses temas tão complicados.

O fato é que, às vêzes, sucedem coisas que a gente fica sem saber como interpretá-las.

Um frisante exemplo é o caso que há pouco nos contaram e que sucedeu faz coisa de um mês.

Oto Wehmuth foi fiscal geral da Câmara Municipal de Blumenau, no tempo em que a jurisdição do nosso município se estendia por quase todo o Vale do Itajaí, desde os limites com o de Itajaí até as fronteiras de Lajes e Curitibanos. Oto teve vários filhos, entre êles o de nome Luiz, nascido nesta cidade a 10 de dezembro de 1879.

Com 14 anos, Luiz foi residir em Gaspar, em companhia de seu tio Bruno, com quem aprendeu o ofício de ferreiro. Depois de completar três anos de aprendizagem, voltou para Blumenau, participando da construção dos pilares da Ponte "Lauro Müller" no Salto, sôbre o rio Itajaí Açu.

Em julho de 1898, Luiz deixou a sua terra natal, fixando-se em Rio Claro, no interior do Estado de São Paulo, onde se casou com Rosette Meyer.

Por mais de 35 anos consecutivos, o laborioso blumenauense trabalhou na Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Depois de uma existência inteira dedicada ao cumprimento do dever e aos encargos da família, Luiz Wehmuth veio falecer a 17 de maio dêste ano, com 90 anos e 5 meses de idade.

Em 1909, êle vierá a Blumenau, em visita e para apresentar aos pais, irmão e parentes sua espôsa e uma filhinha. Grande admirador da natureza, Luiz extasiava-se diante das belezas naturais que engalanam a nossa cidade, perdendo horas inteiras na contemplação das densas florestas que cobrem os morros circundantes.

Nessa ocasião, o pai presentou-o com uma planta de "cattleya intermédia alba" a nossa conhecida "catléia branca", colhida nas matas blumenauenses, que Luiz levou para Rio Claro, tratando-a com todo o carinho, como grata lembrança da terra de seu berço que êle amava estremecidamente.

Durante anos seguidos, a cattleya floresceu exuberantemente, em setembro, conquistando para o seu proprietário prêmios em várias exposições de que participara.

Extranhamente - aqui é que vem o extraordinário da história - a maravilhosa orquídea começou a florescer em princípios de maio, último, contra a natureza dêsse gênero de epífitas, que só desabrocham em setembro.

E, assim, Luiz Wehmuth pôde levar para a sua derradeira morada, entre as mãos cruzadas no seu sono eterno, um ramo florido das cattléias brancas, que êle tanto amara, como o último adeus do céspede natal.

Um benemérito mestre - escola

A região de colonização alemã no Vale do Itajaí teve muitos professôres primários que se distinguiram pelo seu saber e pela dedicação à causa da missão sublime a que se entregaram. O que se verificou em Blumenau, tanto no tempo colonial, como nas primeiras décadas do município, em matéria de ensino primário particular, foi qualquer coisa de maravilhoso, de extraordinário, digna de ser devida e cuidadosamente analisada.

Muito temos, a respeito, publicado nestes "Cadernos". Mas o assunto mereceria um estudo mais profundo e uma divulgação mais ampla. Isso nós acreditamos poder fazer em breve.

Entre os professôres primários que se distinguiram em Blumenau, Rodolfo Hollenweger, da Escola de Garcia Alto, onde passou mais de 30 anos de contínuo e abnegado magistério, merece lugar destacado. Foi um mestre-escola no verdadeiro sentido: culto, dedicado, cumpridor dos seus deveres, sabendo respeitar e fazer-se respeitar pelos alunos e pelos pais dêstes.

Hollenweger era suíço e imigrou em Blumenau em 1908, estabelecendo-se como agricultor em Jordão-Garcia. Pouco depois, entretanto, voltou-se para o magistério primário, dirigindo a escola particular da localidade que escolhera para sua residência e revelando-se um profundo conhecedor da delicada arte de ensinar e educar.

Não se limitou, apenas, ao ensino das noções de leitura, escrita e contas aos meninos confiados aos seus cuidados, como soía acontecer, de um modo geral, pelo interior do município e do Estado. Organizou e dirigiu clubes agrícolas, festas populares, excursões, piqueniques, exposições de trabalhos escolares e de produtos do esforço dos seus alunos na agricultura e nas indústrias caseiras e na coleta.

Como membro da pequena comunidade de que participava, exerceu extraordinária atividade social não só como membro ativo das sociedades recreativas e desportivas locais, como fundando outras organizações capazes de concorrer para a maior união e bem estar dos moradores da região.

Sua escola sempre foi apontada como modelo. Em colaboração com Frei Estanislau Schaette, o exímio educador, Hollenweger organizou um Manual para ensino das várias matérias do ensino primário particular.

Recebeu, mui justamente, contínuos elogios do então Inspetor Orestes Guimarães, sabidamente rigoroso nas suas manifestações e nos seus julgamentos.

Hollenweger faleceu a 2 de fevereiro de 1949, deixando profunda lacuna nos meios educacionais e sociais de Blumenau.

○ rebocador "Jan", que, por muitos anos, serviu ao transporte de cargas entre Blumenau e Itajaí, em janeiro de 1907 foi vendido, pela quantia de 10 contos de réis, à Comissão de Melhoramentos da Barra e pôrto de Itajaí, onde o mesmo já se achava trabalhando há alguns meses. O rebocador passou a chamar-se «Itajaí».

ELETRO—AÇO ALTONA S/A.

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Fone: 1338

Caixa Postal, 30 — Telegramas: ELAÇO

ITOUPAVA SÊCA — BLUMENAU

SANTA CATARINA

FUNDIÇÃO DE AÇO

LAMINAÇÃO

FÁBRICA DE MÁQUINAS

FÁBRICA DE FERRAMENTAS

FORJARIA

FUNDIÇÃO ELÉTRICA

**em todos
os Estados do Brasil
o BRADESCO
lhe prestará
os melhores
serviços**



**Banco Brasileiro de Descontos, S.A. • Banco Bradesco de Investimento, S.A.
Financiadora Bradesco, S.A. Crédito, Financiamento e Investimentos •
Turismo Bradesco S.A. - Administração e Serviços Reg. na Embratur sob n.º 218/SP
217/GB - Ag. de Viagem Cat. A • Codesbra S.A. - Corretora de Títulos e Valores
Imobiliários • Bradesplan, S.A. - Planejamento e Consultoria • Cidade
de Deus - Associação de Poupança e Empréstimo • Bradesco S.A. -
Crédito Imobiliário • Fundação Bradesco • TOP CLUB - Turismo
Organização e Previdência •**

Proteja a família e alfabetize através do TOP - CLUB - BRADESCO